

O PROBLEMA DO MAL E A OCULTAÇÃO DE DEUS: UMA ANÁLISE SOBRE PECADO ORIGINAL COMO PRINCÍPIO DO MAL EM BLAISE PASCAL

THE PROBLEM OF EVIL AND THE CONCEALMENT OF GOD: AN ANALYSIS ON THE ORIGINAL SIN AS THE BEGINNING OF EVIL IN BLAISE PASCAL

ARLINDO NASCIMENTO ROCHA(*)



(*)Licenciatura em Filosofia para Docência pela Universidade Pública de Cabo Verde (2010), Pós-Graduação (*lato sensu*) Especialização em Administração, Supervisão e Orientação Pedagógica e Educacional pela Universidade Católica de Petrópolis – RJ (2014), Mestrado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP (2016). Atualmente é doutorando em Ciência da Religião e atua na área de Filosofia da Religião, especialmente do pensamento teológico e filosófico de Blaise Pascal.

e-mail: arlindonascimentorocho@gmail.com

Resumo

Vários argumentos sobre a existência do mal foram apresentados em diversas épocas, podendo ser traduzidos em duas alternativas: uma visão centrada em Deus e outra no homem. No primeiro caso, pode-se apontar três possibilidades: Deus é bom, tudo o que existe é bom e o mal não existe; o mal existe e Deus está empenhado na batalha contra o mal; Deus não pode agir errado e, portanto, tudo o que Ele faz é bom. Enquanto que no segundo, afirma-se que, a bondade seria de menor valor, se fosse parte inalienável da natureza do homem. O objetivo deste artigo é apresentar a visão pascaliana sobre o mal, ou seja, o pecado original que determinou a entrada do mal no mundo, e, conseqüentemente a ocultação de Deus.

Palavras-chaves: pecado original, mal, ocultação, Pascal, cegueira.

Abstract

Several arguments about the existence of evil were presented at different times and could be translated into two alternatives: a perspective centered on God and another on man. In the first case, three possibilities can be pointed out: God is good, everything that exists is good and evil does not exist; evil exists and God is engaged in the battle against evil; God cannot do wrong and therefore everything he does is good. Whereas in the second it is said that goodness would be of less value if it were an inalienable part of the nature of man. The purpose of this article is to present the pascalian view on evil, that is, the original sin that determined the entrance of evil into the world, and consequently the concealment of God.

Keywords: original sin, evil, hiding, Pascal, blindness.

INTRODUÇÃO

O problema do mal sempre despertou dúvidas e curiosidade tanto ao homem comum, assim como aos filósofos, teólogos e especialistas em religiões quanto a sua origem e seus efeitos perante a humanidade. Em todos os tempos, lugares e épocas a teologia, a filosofia e as ciências questionaram, e, ainda hoje, questiona-se: o que é o mal? Porque o mal existe? Ele absorve vários autores bíblicos, como Jó e o Eclesiastes, e, de entre vários teólogos e filósofos, destacamos Santo Agostinho (354-430) e Blaise Pascal (1623-1662), que, por meio de suas experiências pessoais tentaram explicar a origem do pecado, do mal e o escondimento de Deus.

Tanto na história da queda do homem (Gn. 3)¹, assim como a doutrina do pecado original levantam as seguintes questões: de onde vem o mal? Como Deus pode ser absolutamente todo-poderoso se continua havendo o mal? O homem é o único responsável pelo mal no mundo? Por isso, filósofos, teólogos e especialistas religiosos têm debatido esse tema na tentativa de responder essas questões aparentemente sem soluções definitivas, pois, os pontos de vista sobre o mal, nem sempre são coincidentes.

A Bíblia Sagrada afirma que o mal existe de fato no mundo e que a humanidade tem o mal dentro de si, fruto de uma herança do primeiro ato de desobediência cometida pelos nossos pais ancestrais contra o único mandamento probativo, ou seja, o de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Embora a inclinação para o mal, seja inerente à condição humana, o Cristianismo sustenta que o mal um dia será vencido. Essa batalha só será vencida, segundo Pascal, através do intermédio de Jesus Cristo, observando assim, a máxima pronunciada em (Jo 14: 6, 7): “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim. Se me conheceis, também conhecereis a meu Pai”. (BIBLIA, 1973, p. 2023), Por isso, Pascal apoia mais uma vez em (1Tm 2: 5, 6), e reafirma que Cristo é o mediador entre Deus e criatura “Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos”, (Ibidem, 1973, p. 2227), e o Cristianismo a verdadeira religião. Ele conclui essa passagem citando (Is 45:15), “Entretanto tu és um Deus que se

¹ De acordo com Thomas Troco dos Santos, o (Gn 3) narra a queda do homem e, conseqüentemente, de toda a raça humana. Já o (Ecl 7: 29) resume muito bem os três primeiros capítulos das Escrituras, enaltecendo a perfeição e santidade com que o homem foi criado e contrastando com a sua segunda realidade mediante a desobediência de Deus. (SANTOS, 2014, p. 56).

esconde, ó Deus de Israel, o Salvador”. (Ibidem, 1973, p. 1435). Uma explicação é que a ocultação de Deus é tanto uma punição como uma ferramenta pedagógica.

A narrativa Bíblia começa como se sabe, com um mundo no qual Deus está ativamente e visivelmente envolvido, mas não termina dessa maneira. Gradualmente através do curso da Bíblia, a deidade aparece cada vez menos aos homens. Milagres, anjos e todos os outros sinais da presença divina tornam-se raros e, finalmente, desaparece. Nas últimas partes da Bíblia, Deus não está presente como nos livros anteriores. Entre as últimas palavras de Deus a Moisés, em (Dt 32: 19, 20), diz: “Iahweh viu isso e ficou enfurecido, e disse: Vou ocultar-lhes o meu rosto e ver qual será o seu futuro! Pois, são uma geração pervertida, são filhos que não teem fidelidade.” (BÍBLIA, 1973, p.321). No final, Deus cumpriu sua palavra, pois, ela é infalível.

O fato de Deus ter retirado do convívio com os homens, e de tudo o que existe na natureza funcionar como véus que escondem a presença de Deus levaram os teólogos a refletir sobre tal situação, e questionar: por que a primeira atitude do homem ao pecar foi esconde-se de Deus? Porque Deus retirou-se do convívio dos homens? A resposta para a primeira pergunta encontra-se expressa na vergonha que Adão teve de si mesmo, por ter errado. Adão escondeu-se por estar nu, ou seja, ele tinha vergonha de ser ele mesmo diante de Deus. Essa atitude revela a aversão a si mesmo em relação a Deus por se achar indigno. Porém, o maior mal não foi a escolha do homem não querer apresentar-se perante Deus, por julgar-se indigno, e sim, a punição e conseqüentemente, a morte. Ela é apresentada como castigo pela transgressão de Adão. A relação entre pecado e a morte está clara no (Gn 2: 16,17), “E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer” (BÍBLIA, 1973, p. 33,34). Na concepção teológica a morte é atestada como consequência da transgressão humana. De acordo com Paulo Henriques, em sua obra *Cura interior: o que ensina a Igreja sobre isso?*

A morte é a consequência da transgressão humana. A desobediência do primeiro homem obrigou Deus, fiel às suas promessas, a castigá-lo com a morte física, e como todos nós pecamos em Adão, somos todos castigados nele [...]. O maior castigo de Adão foi ser privado de participar da vida divina, não comungando mais dos bens da imortalidade e incorruptibilidade. (HENRIQUES, 2016, p. 30).

A segunda resposta pode ser justificada pela doutrina do Deus que se esconde por uma necessidade lógica da fé. É preciso entender o verdadeiro significado da ideia de Deus escondido. O fato de Deus não aparecer vem da cegueira do homem. Pois, como resultado do pecado original e da corrupção que afetou o coração humano que agora é totalmente regida pelo amor-próprio, ele vê apenas a si mesmo e diz respeito a seu eu, portanto, o homem está cego para Deus, por isso, Deus está escondido. Pascal escreveu:

Se Deus se revelasse ao homem constantemente, não haveria qualquer mérito em crer nele; e, se Ele não se revelasse jamais, haveria pouca fé. Mas, ele se esconde comumente e se revela raramente para aqueles que querem engajar a seu serviço. Esse estranho segredo do qual Deus retirou-se, impenetrável à vista dos homens. Ele permanece escondido sob o véu da natureza [...] e quando foi necessário para que aparecesse, Ele ainda se escondeu mais, cobrindo-se de humanidade. Ele era muito mais reconhecível quando invisível do que quando se tornou visível [...]. (PASCAL. *Lettre 4*, vol. III, *apud* PONDÉ, 2001, p.127,128).

Esse fragmento resume um dos fundamentos da religião cristã, o princípio do *Deus absconditus*. Não só a religião deve conduzir a Deus para ser elegível, ele precisa ser um instrumento para levar ao Deus escondido. Essa religião só pode ser segundo Pascal, o Cristianismo através da mediação feita por Cristo. Ora, unir perfeitamente os homens a Deus convém, na verdade, a Cristo, pois, por meio dele, os homens são reconciliados com Deus conforme a segunda Carta aos Coríntios, (2 Cor 5:19), “Pois, era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, e não imputando aos homens as suas faltas e colocando em nós a palavra da reconciliação”. (A BÍBLIA, 1973, p. 2178). O caminho, pois, para chegar a Deus passa por Jesus Cristo. A Escritura afirma que: “Deus é um Deus escondido, e que depois da corrupção da natureza, Ele deixou os homens num obscurecimento do qual eles não podem sair a não ser por obra de Jesus Cristo, fora do qual, qualquer comunicação com Deus está suprimida”. (FISICHELA, 2006, p. 117).

Para a elaboração desse artigo, teremos como objetivo principal fazer um estudo sistemático sobre o pensamento teológico pascaliano, em torno do pecado original como acontecimento que introduziu o mal no mundo. Ao longo do artigo estaborecerei um diálogo entre várias gerações de pensadores que tiveram a Sagrada Escritura e as ideias de Santo Agostinho como suporte para discutir a problemática do mal no mundo e,

consequentemente, o escondimento de Deus. Terei em conta também, as discussões teológicas e filosóficas que fizeram desse tema um dos mais difíceis, pois, esse fato despertou ao longo dos séculos acirradas controvérsias, porém, atualmente está cada vez mais distante das pautas como assunto que merece ser abordado, uma vez que, perdeu seu lugar entre os temas mais candentes da atualidade, mas, está cada vez mais presente nas nossas ações e atitudes.

UMA ANÁLISE SOBRE O PECADO ORIGINAL COMO PRINCÍPIO DO MAL EM BLAISE PASCAL

Um dos problemas mais preocupantes para o homem, independentemente da visão de mundo, hábitos, crenças ou religião, é a existência do mal. Ao longo da vida, todos os homens experimentam situações que envolvem o mal, ou seja, a dor, a tristeza e o sofrimento. O mal é um conceito de difícil explicação, descrito muitas vezes como sendo experiências ruins, que de certa forma, levam ao sofrimento humano. É possível distinguir duas categorias de experiências malignas: o mal natural, ou seja, eventos naturais que ocorrem no mundo natural que podem trazer sofrimento à humanidade; e o mal moral que se refere às más ações voluntárias e deliberadas dos seres humanos. Atualmente, fala-se ainda numa terceira categoria conhecida como mal estrutural, que se materializa através de leis injustas, numa ideologia iníqua e numa cultura de violência, que sistematicamente produz vítimas inocentes.

Entretanto, o grande problema tratado principalmente na filosofia da religião é o problema de como conciliar o mal natural e o mal moral com a existência de um Deus que se supõe ser onipotente, onibenevolente e onisciente. O professor do departamento de filosofia da *Rockhurst University*, Estados Unidos, Brendan Sweetman, em sua obra *Religião: conceitos chave em filosofia*, cita David Hume que enunciou o problema da existência do mal, da seguinte forma:

Será que Deus quer impedir o mal, mas não consegue? Então é impotente. Consegue, mas não quer? Então é mau. Consegue, e está disposto? De onde, vem então, o mal? Se Deus é onipotente, por que não impede o mal, e se é onibenevolente, por que não quereria impedi-lo? [...] Parece carecer de coerência lógica dizer que Deus é onipotente e onibenevolente e ainda assim afirmar que existe o mal no mundo. (SWEETMAN, 2013, p. 90).

A história da humanidade começa, conforme as Escrituras, com a história do pecado² do homem, fruto da desobediência a Deus. A partir de então, teólogos e filósofos buscam vestígios do mal no homem. Essa procura é, no entanto, angustiante para todos que procuram respostas para esse problema, pois, o mal é inerente à condição finita, limitada e insuficiente do homem. Na literatura mundial, no campo da filosofia e da teologia, o problema do pecado é tratado de modo a tentar explicar a questão da existência do homem e do mal. Paul Ricoeur afirma, numa das Confissões de fé das Igrejas da Reforma, que a vontade do homem está “totalmente cativa sob o pecado” [...] Mas a Confissão de fé acrescenta logo a seguir: “cremos que toda a descendência de Adão está infetada por esta moléstia contagiosa que é o pecado original, um vício hereditário, e não só uma imitação como os pelagianos quiseram dizer” (RICOUER, 1988, p. 264). De acordo com o filósofo e teólogo holandês, fundador do jansenismo, Cornelius Otto Jansenius (1585-1638), fiel discípulo da espiritualidade agostiniana, “depois que o diabo experimentou a força e a extrema facilidade com o qual alcançou a vitória sobre o primeiro homem, dedicou e consagrou tais armas à perda e a ruína de todos os homens”. (JANSENIUS, 2016, p. 61).

Vários pontos de vista sobre a origem do pecado e do mal foram e são apresentados em várias linhas de pensamento no decorrer da história [...]. Para Santo Agostinho, o pecado é “o que é dito, feito ou desejado contra a lei eterna” (PEDRO, 2014, p. 26); e o “mal decorre da limitação e imperfeição da criatura e dele é possível tirar um bem maior que gere novas virtudes e méritos pela superação das condições adversas. O mal ensina os homens a obedecerem aos próprios limites” [...] (CARVALHO, 2016, p. 24). São Tomás de Aquino³, pensador que deu grande contributo para a história da Igreja, uma vez que na sua obra fez a síntese entre o cristianismo e o aristotelismo, afirma na *Suma Teológica* que: “muitos dos nossos contemporâneos perguntam: se é verdade que Deus existe, como é possível que permita

² Em sentido etimológico a palavra “pecado” conforme se encontra em nossas versões, vem da palavra hebraica “*hāttā’th*”, do qual origina-se da raiz hebraica “*hātā*” traduzido na septuaginta (LXX) da palavra “*hāmārtia*”. Existem algumas palavras que relatam significados semelhantes à palavra hebraica “*hāttā’th*”, como também para a palavra grega “*hamartia*”. Estes termos são aplicados no tempo e no espaço para descrever e dar sentido a tudo aquilo que o pecado é e suas formas de expressão. Os eruditos teológicos usam várias palavras deste gênero para descrever a natureza sombria do pecado, mostrando seus aspectos e suas disposições torcidas, maléficas em sua natureza daninha e perniciosas. (PEDRO, 2014, p. 13).

³ De acordo com Evans, “Tomás talvez tenha sido o maior pensador antes da reforma a propor muita coisa radicalmente nova na tentativa de resolver o problema do mal. As simpatias de Alexandre de Hales e Boaventura no século XIII, e de Duns Scotus no século XIV, voltam-se para uma visão não diferente da que fora sustentada por alguns dos opositores de Agostinho no tempo em que ainda este vivia”. (EVANS, 1995, p. 266).

o mal”)? (PEDRO, 2014, p. 27). Ele nos aconselha que “é necessário fazer-lhes compreender que o mal é a privação do bem devido, e o pecado é a aversão do homem a Deus fonte de qualquer bem” (Ibidem) [...]. A importância de Aquino é reforçada pelo professor de filosofia da PUC-Rio, Danilo Marcondes, ao afirmar que:

São Tomás de Aquino tem, no final da Idade Média importância semelhante à de Santo Agostinho em seu início. Sua influência no desenvolvimento da filosofia e da teologia cristãs a partir de então aqui vale a Santo Agostinho no período de formação do pensamento medieval cristão (MARCONDES, 2011, p. 67).

Dois pensadores que seguiram o mesmo raciocínio teológico em torno do pecado original foram Jansenius e Blaise Pascal, tidos como discípulos fiéis e seguidores do mestre Agostinho, tendo ambos envolvidos em diversas controvérsias em torno do tema, e, “como Agostinho, esforçaram-se desesperadamente em busca de uma solução, cujas tentativas de impor ordem na experiência mantiveram vivo para o mundo o dilema agostiniano” (EVANS, 1995, p. 267). Entretanto, segundo o mesmo autor, Santo Anselmo (1033-1109), influente teólogo e filósofo medieval italiano de origem normanda.

Foi o primeiro pensador desde Agostinho a lançar um olhar novo e abrangente sobre o problema do mal. Diferentemente de Agostinho, não começou, com seus próprios embates com ele; tomou como dados vários dos princípios que Agostinho elaborou para esta dificuldade. Também não discute o mal como problema complexo e como um todo em alguma obra particular. Cobre, todavia, o assunto inteiramente.” (EVANS, 1995, p. 255).

Tanto as ideias de Agostinho e de Aquino foram aceitas pela comunidade cristã posterior, mas, a visão sobre o pecado e o mal não foram aceites pelo filósofo prussiano, Immanuel Kant (1724-1804), considerado como o principal filósofo da era moderna. Segundo ele, “a origem do pecado não foi ou seria um fato isolado, e sim uma atitude deliberada. Então, o pecado original nada mais é que o aspecto negativo da solidariedade dos homens e mulheres em Deus”. (PEDRO, 2014, p. 26). Sobre a questão do mal, Kant não tem dúvidas que é impossível dar uma resposta ao problema, por isso, vários pensadores encontram a solução para o problema existencial humano nas possibilidades limitadas da razão frente à sabedoria do Criador. Porém, segundo Severino Pedro:

O pensamento lacunoso defende que o pecado teve início, quando o homem fez mau uso da liberdade. Para alguns estudiosos, o problema do mal, o primeiro pecado aconteceu, quando o homem pela primeira vez, fez mau uso da liberdade. Isso acontece com cada pessoa no mundo [...]. Enquanto que, o pensamento folclórico evolve vários mitos sobre a origem do pecado. Um deles é a história da maçã. Este mito sugere que o pecado se originou quando Eva tomou uma maçã da árvore proibida e a deu a Adão para que ele comesse. Quando Adão comeu a maçã, então se originou o primeiro pecado no mundo. (PEDRO, 2014, p. 28).

O pecado, segundo Jansenius, é a primeira chaga que feriu o primeiro homem e o tornou como um escravo fugitivo diante da face de Seu mestre. Historicamente, o problema do pecado e do mal são considerados os mais profundos da filosofia e da teologia. Segundo Evans (1995, p. 63) “Agostinho acreditou que o mal tinha o efeito de obscurecer a compreensão e impedir o funcionamento da mente. É razão pela qual os hereges não podem argumentar corretamente”. O problema se mostra à mente humana, como sendo uma realidade universal. Desde Agostinho, filósofos e teólogos foram constrangidos a encarar o problema e a procurar respostas quanto a sua origem. O teólogo inglês, James Bowling Mozley (1813-1878), descreve a doutrina do pecado e suas consequências da seguinte forma:

A doutrina do pecado original aloja-se profundamente no coração humano, que jamais percebeu verdadeiramente e sinceramente sua culpa, sem acoplar a ele a ideia de uma imperfeição e mancha misteriosa antecedente à ação, e da mesma idade que a sua própria vida. (MOZLEY, 1883, *apud* EVANS, 1995, p. 267).

O interesse pela investigação sobre do problema do pecado e do mal com profundidade, surge após o primeiro século da era cristã, com os Pais ou Padres da Igreja⁴. Entretanto, é através da controvérsia entre Pelágio e Agostinho sobre a graça e o livre-arbítrio, a doutrina do pecado original e do mal passaram a ter lugar na história da teologia e da filosofia.⁵

A primeira solução é apresentada por Santo Agostinho na polêmica contra Pelágio, pela Reforma Protestante e pelo jansenismo. Consiste em julgar que a humanidade toda

⁴ A expressão Padres da Igreja, segundo Silva (2012, p. 105), é consagrada há séculos na Igreja católica e se refere a escritores dos primeiros séculos do Cristianismo que, por suas obras e pelo valor de sua doutrina, são considerados autoridades em teologia e fé, bem como homens que fundamentaram e consagraram a Igreja como instituição; a expressão tem, pois, o sentido de Pais da Igreja; são muitos, entre os quais cumpre lembrar: Irineu, Hipólito; Dionísio Alexandrino, Gregório Nizianeno, Ambrósio, Agostinho, Jerônimo, Cirilo de Alexandria, João Damasceno [...].

⁵ Segundo Anthony Hoekema em *Criados a imagem de Deus*, Pelágio é o grande opositor de Agostinho. Ele negava a transmissão dizendo que não há relação do pecado de Adão com o dos seus descendentes. Ele afirmava que não existe pecado original, não existe transmissão de culpa e corrupção, pois, o homem nasce na mesma condição de Adão: neutro, nem bom nem mau. O que o homem recebeu de Adão foi o mau exemplo, ou seja, o pecado atribuído ao homem em Adão é a imitação. A que, então, Pelágio atribuiu à universalidade do pecado? À imitação. Adão deixou mau exemplo aos seus descendentes. Todos estamos inclinados a imitar os maus exemplos de nossos pais, irmãos, irmãs, esposas ou maridos, amigos e conhecidos. Esse é o modo pelo qual o pecado é propagado de geração e de uma pessoa para outra. (HOEKEMA, 1999, p. 74).

pecou com Adão e em Adão e que, portanto, o gênero humano é uma só "massa condenada", cuja punição nenhum membro pode escapar, a não ser pela misericórdia e pela graça não obrigatória de Deus. (AGOSTINHO. De civ. Dei, XIII, 14 *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 489).

Na Idade Média, Gregório, Anselmo e outros seguiram o ponto de vista de Agostinho que via o homem como sendo “uma criatura privilegiada na ordem das coisas. Feito à semelhança de Deus, desdobra-se em correspondência com as três pessoas da Trindade. As expressões dessa correspondência encontram-se nas três faculdades da alma. A memória, enquanto persistência de imagens produzidas pela percepção sensível corresponderia à essência (Deus Pai), aquilo que é e nunca deixa de ser; a inteligência seria o correlato do verbo, razão ou verdade (Filho); finalmente, a vontade constituiria a expressão humana do amor (Espírito Santo), responsável pela criação do mundo”. (AGOSTINHO, 1980, p. 25). Entretanto, segundo Evans:

A percepção da importância da queda e das consequências do pecado original, do tamanho inteiro do dano a ser reparado, retornou com o século XVI. Os reformadores redescobriram de novo Agostinho, e, nele descobriram muito que era de seu gosto. Com Lutero e Calvino de modo especial, a ênfase foi colocada de novo na importância do homem e na eficácia da graça. (EVANS, 1995, p. 267).

Santo Agostinho, talvez seja o filósofo que mais refletiu e enfatizou as consequências do pecado original, e, por isso, o conceito, tal como o conhecemos hoje, foi elaborado por ele que definia o pecado como o que é dito, feito ou desejado contra a lei eterna, entendendo por lei eterna a vontade divina, cujo fim é conservar a ordem no mundo e fazer o homem desejar, cada vez mais, o bem maior e cada vez menos o bem menor. Sobre essa questão, em sua obra *A natureza do bem*, afirma que, “o pecado não consiste no apetecer uma natureza má, e sim na renúncia de outra, superior, de sorte que o mal é essa mesma preferência, e não a natureza de que abusa ao pecar. O pecado consiste, portanto, em usar mal o bem”. (AGOSTINHO, 2006, p. 49). Ele sustenta que o homem é livre e deve fazer o bem e se isso não acontecer, ele será o responsável. Então, a responsabilidade pela prática do mal, ou seja, o pecado é da responsabilidade do homem, que escolhe agir livremente. Essa seria a situação de Adão quando cometeu o pecado original.

Ora, é preciso reconhecer: a alma fica impressionada pela vista de objetos, sejam superiores, sejam inferiores, de tal modo que a vontade racional pode escolher entre os dois lados o que prefere. E será conforme o mérito dessa escolha que se seguirá para ela

o infortúnio ou a felicidade. Assim, no paraíso terrestre, havia como objeto percebido: vindo do lado superior, o preceito divino, e vindo do lado inferior, a sugestão da serpente. Pois nem o que o Senhor ia prescrever, nem o que a serpente ia sugerir foi deixado ao poder do homem. Contudo, ele estava certamente livre de resistir à vista das seduções inferiores, pois o homem tendo sido criado na sanidade da sabedoria achava-se isento de todos os liames que dificultavam a sua escolha. (COSTA, 2002, P. 293, 294).

O fundamento dessa solução é que a verdadeira liberdade do homem coincide com a ação agraciadora de Deus. Em sua obra *O livre arbítrio*, Santo Agostinho, afirma que, a vontade só é livre quando não dominada pelo vício e pelo pecado e é essa a liberdade que só pode ser devolvida ao homem pela graça de Deus. Desse ponto de vista, segundo Abbagnano, “o homem não possui méritos próprios, válidos perante Deus: seus méritos são dons divinos que devem ser atribuídos a Deus e não a si mesmo”. (ABBAGNANO, 2007, p. 489).

Assim como alguns pensadores da Idade Média que seguiram o ponto de vista de Agostinho sobre o pecado, toda a reflexão antropológica pascaliana foi inspirada na doutrina do pecado original, resgatada por Santo Agostinho que se apoia em várias passagens das Escrituras: “a Epístola de São Paulo aos Romanos (5:12, 21) e aos Coríntios (1 Co 15:22), e uma passagem do Salmo (51: 5, 6)⁶. A doutrina cristã que pretende explicar a origem da imperfeição humana, do sofrimento e da existência do mal através da queda de Adão. Este ponto de partida é realmente fundamental para a reflexão de Pascal, que parte de um pressuposto teológico abstrato, para chegar numa antropologia existencial. Porém, a primeira exposição sistemática sobre o pecado original é a de Santo Agostinho, no século IV, que associa o pecado à culpa herdada por todo o gênero humano que devido ao orgulho e egoísmo de Adão, rejeitou o amor e a obediência devida a Deus.⁷ Entretanto, para Humberto Rohden:

⁶Rm 5: 12 “Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou para todos os homens porque todos pecaram” [...] Rm 5: 21 “Para que, como imperou o pecado na morte, assim também imperasse a graça por meio de justiça, para a vida eterna, através de Jesus Cristo, nosso Senhor”; 1 Co 15 “Assim, ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome” 1 Co 21: “os judeus não pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria”; Salmo 51: 5-6 “Pois reconheço minhas transgressões e diante de mim está sempre o meu pecado; pequei contra ti, contra ti somente, pratiquei o que é mau aos teus olhos. Tens razão, portanto, ao falar e tua vitória se manifesta ao julgar”. (BÍBLIA, 1973, p. 2127; 2148; 1003).

⁷A questão do pecado original é tratada por Santo Agostinho em várias obras, assim sendo na obra “*As Confissões*”, Santo Agostinho refere-se ao homem como um ser que carrega marcas do seu pecado e de sua mortalidade. Pecado e morte são evocados para manifestar a pequenez do homem diante de Deus [...] Em *O livre arbítrio*, livro I, há uma passagem que o bispo de Hipona dialoga com Evódio sobre a natureza do pecado. O debate gira em torno do amor direcionado às criaturas, se isto é um mal ou não [...] na obra *A cidade de Deus*: enfrentando o que era seguramente um grande mal, a queda de um império cristão, Agostinho deu conta da catástrofe de tal modo que mostrasse que não era nenhuma obra de Deus. O mal (pecado) mudou os homens tão radicalmente que eles se tornaram mortais;

Nem uma palavra sobre o pecado original, sobre uma culpa hereditária saiu dos lábios do Nazareno. Nenhuma referência à necessidade de redenção para as almas naturalmente puras e boas encontramos nos ensinamentos de Jesus. A redenção de que o Nazareno fala parece ser necessária unicamente para os que, pessoal e livremente, abandonaram os caminhos de Deus. (ROHDEN, 1981, p. 69).

As discussões teológicas e filosóficas a respeito do pecado original geralmente tiveram como objeto a sua origem e a maneira como se transmitiu de Adão aos outros homens e a humanidade em geral. Quanto à origem, Agostinho concorda que, o começo de todo o pecado é orgulho (Ecl 10, 15). O que é o orgulho senão o desejo de uma grandeza perversa? Satanás não teria seduzido o homem se este não tivesse começado a sentir prazer consigo mesmo. Pois a causa de sua *delectatio* foi a palavra, pronunciada em (Gn 3, 5), [...] Sereis como os Deuses [...]. Ainda segundo o mesmo autor, os homens poderiam ser muito melhores pela união ao princípio verdadeiro e à soberania graça à obediência do que constituindo a si mesmos como seu princípio por orgulho. (AGOSTINHO *apud* PONDÉ, 2001, p. 76). Quanto a transmissão, tomando Romanos (5:12) de modo literal: “todos pecaram em Adão” significa que todos nós estávamos presentes e envolvidos quando Adão pecou: a natureza humana universal estava presente em Adão.⁸

“portanto, dois amores fizeram duas cidades: o amor de si [*amor sui*] até o desprezo de Deus, a cidade terrestre; o amor de Deus até o desprezo de si, a Cidade celeste”. O texto citado é o quadro do mundo depois da queda. A Cidade celeste é a manifestação de Deus no coração corrompido do homem. Joio e trigo funcionam conjuntamente depois do pecado [...] em obra *A natureza e a graça*, mostra que também a natureza do homem foi criada sem falha (*Sene ullo Vittio*), tendo todas as boas coisas de Deus: vida, sentidos, e mente. A falha que obscureceu e enfraqueceu estes bens naturais não veio do Criador, mas da boa vontade livre que lhes deu (*De nat. Et Gratia I, III*) por ter refletido longamente sobre este assunto Evans, em sua obra *Agostinho sobre o mal* (1995) nos mostra que quanto mais Agostinho entendia as implicações do pecado de Adão, tanto mais simples e preciso parecia o assunto. Adão perdeu a capacidade de fazer o bem porque surgiu uma ruptura permanente em sua vontade. Perdeu, com efeito, a sua liberdade de escolha, porque podia escolher uma só coisa. Isso teve efeito universal, longo caminho além do próprio homem e suas atividades, penetrando profundamente na ordem natural, e exigia ação maior da parte de Deus para interditá-lo [...] O pecado de Adão maculou de tal maneira a natureza humana, que a vontade livre que Deus lhe deu não está mais em equilíbrio; o homem não mais pode voltar sua vontade rumo ao Deus, e deixar Deus capacitá-lo para fazer o bem. Ele só pode afastar sua vontade de Deus, dirigindo-se ao nada, e, sendo assim, só pode fazer o mal [...] (EVANS, 1995, pp. 145, 148, 180).

⁸ De acordo com Rodrigues, diversas teorias foram levantadas para negar ou não problematizar a doutrina do pecado, tanto no ramo da filosofia como na religião. O objetivo é descaracterizar a essência ou caráter do pecado. A teoria dualista enfoca um princípio eterno do mal em duelo eterno com o bem. A teoria da privação ou negação afirma que o pecado é ausência do Sumo Bem, tornando assim um mal necessário. O conceito pelagiano, totalmente adverso ao conceito reformado, afirma que o mal (pecado), assim como o bem, está localizado nas ações isoladas do homem, pois seu livre-arbítrio dá condições plenas para não pecar. Ao contrário dessas teorias e conceitos, os reformadores primaram pelo princípio bíblico da ênfase do pecado na raça humana como diz Eclesiastes 7.20: “Não há homem justo sobre a terra, que faça o bem e que não peque”, caso contrário faz-se de Deus um mentiroso, como afirma (1 Jo 1.10). Quanto ao conceito do pecado, qual então é o seu significado, a sua essência? Qual o caráter essencial do pecado? Calvino se propõe a definir o pecado, exatamente por causa das dúvidas existentes na época, as quais obscureciam o conceito do pecado original e provocaram incertezas na mente humana. O Catecismo Maior de Westminster, afirma que: “Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou a transgressão de qualquer lei por ele dada como regra a criatura racional”. Ou seja, qualquer oposição feita a Deus será automaticamente

[...] Coisa espantosa, entretanto, é que o mistério mais distante do nosso conhecimento, que é o da transmissão do pecado, seja algo sem o que não poder ter nenhum conhecimento de nós mesmos. Pois, não há dúvida de que nada existe que choque mais a nossa razão do que dizer que o pecado do primeiro homem tenha tornado culpado aqueles que, estando afastado dessa origem, parecem incapazes de dele participarem [...] Nada por certo nos choca mais rudemente que essa doutrina. E, no entanto, sem esse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos. O enredamento de nossa condição assume as suas implicações e formas nesse abismo. De maneira que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério é inconcebível para o homem [...]. (PASCAL, 2005, p. 48. Laf. 131; Bru. 434).

Atualmente, julga-se que, o problema do pecado e sua existência, foi amplamente discutido por teólogos e filósofos desde o primeiro século da era cristã, com os padres da Igreja, é uma questão ainda a se explicar, pois, poucos ousam discutir e problematizar o assunto, por questões de desinteresse e irrelevância. Por isso, a reflexão sobre o pecado e o mal está cada vez mais ausente dos códigos morais que norteiam nossas consciências, porém, cada vez mais presente em nossas atitudes e ações. Entretanto, não há como negar a universalidade do pecado, do mal e do sofrimento. Quem nega essa realidade fecha os olhos para uma realidade humana. Mas, o próprio Deus reconheceu como afirma (Gn 6: 5,6). ao falar da corrupção da humanidade “Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo o desígnio de seu coração. Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se todo o seu coração”. (BÍBLIA, 1973, p. 39). Após o pecado de Adão, a concupiscência e a corrupção⁹, elevaram-se nos seus membros e estimularam e deleitaram sua vontade no mal.

No entanto, como referimos anteriormente, é Agostinho o responsável pela elaboração clássica do conceito de pecado original e da sua introdução no depósito dogmático da Igreja, sobre um pé de igualdade com a cristologia, como um capítulo da doutrina da graça. É certo que a polêmica contra os pelagianos foi determinante, ainda que, ela não dispense de procurar, no crescimento interno do pensamento agostiniano, o motivo profundo do dogma do pecado original. Tomás de Aquino não nega a existência

considerada pecado. Com relação a natureza do pecado serão observadas três questões: O mal moral, o pecado com sede no coração e a relação com a lei de Deus. (RODRIGUES, 2010, p. 31-32).

⁹ De acordo com Bergoglio, a corrupção não é um ato, e sim um estado, estado pessoal e social, no qual a pessoa se acostuma a viver. Os valores (ou desvalores) da corrupção são integrados a uma verdadeira cultura, com capacidade doutrinária, linguagem própria, modo de proceder é peculiar. É uma cultura de “pigmeização” que insiste em invocar adeptos para rebaixá-los ao mesmo nível da cumplicidade admitida e corrupta. Essa cultura tem um dinamismo duplo: de aparência e de realidade de imanência e de transcendência [...] (BERGOGLIO, 2013, p. 39).

do pecado original, mas critica as duas hipóteses relativamente à transmissão: a do ‘traducionismo’ segundo o qual “a alma racional transmite-se com a semente, de tal maneira que de uma alma infecta derivam almas-infectas” (ROCHA, 2016, p. 180), e a da ‘hereditariedade’, segundo a qual “a culpa da alma do primeiro genitor transmite-se à prole, embora, a alma não se transmita do mesmo modo como os defeitos do corpo se transmitem de pai para filho¹⁰”. (Ibidem). Ambas as hipóteses pareciam insustentáveis à Aquino, e ele anuncia a sua dizendo que:

Todos os homens nascidos de Adão podem considerar-se um único homem, porquanto têm a mesma natureza, recebida do primeiro genitor, da mesma maneira como nas cidades todos os homens que pertencem à mesma comunidade se julgam um só corpo, e a comunidade inteira é como um único homem (Summa Theologiae, 1, q. 81, a. 1).

Em sua obra *O pecado original: estudo de significação*, Ricouer (2008, p. 12), afirma que: “este esquema de herança é solidário da representação do primeiro homem, considerado como o iniciador e propagador do mal. É deste modo que a especulação sobre o pecado original se encontra ligada à especulação adâmica do judaísmo tardio que São Paulo introduziu no depósito cristão por ocasião do paralelo entre Cristo, homem perfeito (segundo Adão), iniciador da salvação e o primeiro homem, o primeiro Adão, iniciador da perdição”.¹¹ Segundo Kierkegaard,

Adão é o primeiro homem, ele é ao mesmo tempo ele mesmo e o gênero humano [...]. Ele Não é essencialmente diferente do gênero humano; pois nesse caso o gênero humano nem existiria; ele não é o gênero humano, pois aí nem haveria o gênero humano, ele é ele mesmo e o gênero humano. Por isso, aquilo que explica Adão, explica o gênero humano, e vice-versa. (KIERKEGAARD, 2010, p. 31).

A reflexão de São Paulo sobre Cristo como segundo Adão é uma contribuição substancial à afirmação da criação. A reflexão sobre o novo Adão é uma forma de dizer

¹⁰ Segundo Ferreira (2011) “o traducionismo é a teoria de que tanto a alma como o corpo é gerado através da união do pai e da mãe de uma pessoa. Segundo o traducionismo Adão foi criado com uma natureza humana, o que inclui a capacidade de se reproduzir. O crescimento da raça humana, portanto tem sido o desdobramento da potencialidade da única natureza humana de Adão. Daí, todos nós somos filhos de Adão e, por isso, estamos relacionados a ele” [...] Para Chafer (2005, p. 400) “a assinatura inscrita em cada alma pode ser o produto da hereditariedade quanto o ambiente estão entre os instrumentos por meio dos quais Deus cria uma alma. Considerando não o como, mas a razão por que Deus fez cada alma única [...] Ele conhece a sua individualidade por dentro e por fora; ela não é nenhum mistério para Ele”.

¹¹ Segundo Matera (2005, p. 177), Adão foi o primeiro homem, aquele no qual Deus soprou um espírito de vida. Assim, ele se tornou o ancestral de todos os seres humanos. Porém, assim como Adão foi forjado da terra, também o foram os descendentes. O corpo que cada um deles possui é terrestre a imagem de Adão. Em contraste com Adão, Cristo é o homem celeste que foi ressuscitado dos mortos. Ele é o novo Adão, cujo corpo foi alterado e transformado pelo poder da ressurreição. Assim como temos agora a imagem do homem terrestre (Adão) teremos a imagem do homem celeste (Cristo), quando nosso corpo for ressuscitado e transformado segundo o padrão do corpo ressuscitado de Cristo, por ocasião da ressurreição dos mortos.

que o que foi feito na criação tem a forma de Cristo e é consumado em Cristo. Geoffrey Lampe escreveu:

O paralelo estabelecido entre Cristo e Adão implica que o desígnio de Deus para Adão foi efetivamente realizado em Cristo. Adão foi designado a ser filho de Deus; foi criado à imagem de Deus; Cristo é o filho de Deus; ele é a imagem de Deus; ele é na forma de Deus; ele é verdadeiramente Adão que significa que ele é verdadeiro e completamente humano. A filiação em relação a Deus, que foi inteiramente realizada em Cristo, pertence à natureza de todos os homens; ela caracteriza a humanidade como o Criador pretende que ele seja. (LAMPE, 1977, p. 178 *apud* BRAATEN, *et al*, 2002, p. 297).

Retomando a teoria do pecado original em Pascal, e apoiando nos estudos de Andrei Venturini Martins (2011), onde ele analisa como a teoria do pecado original aparece na *Lettre* a partir do parágrafo [16]. Ele mostra que o objetivo de Pascal nesta pequena gênese do pecado original, é explicar as causas do horror que o homem sente da morte, e mostra que é preciso esclarecer a fonte do pecado, e, para isso, faz apelo à tradição.

[16] – Para domar mais fortemente este horror, é necessário bem compreender a origem; e para vos tocar em poucas palavras, sou obrigado a vos dizer em geral qual é a fonte de todos os vícios e de todos os pecados. Foi isto que apreendi de dois grandíssimos e santíssimos personagens. (PASCAL *apud* MARTINS, 2011, p. 73).

Segundo Martins, nesta citação existem vários pontos capitais: a tentativa de domar o horror da morte e encontrar a fonte originária de todos os pecados. Diante disso, Pascal, inicialmente, convida o leitor a domar o horror da morte, tema este que será desenvolvido no decorrer da *Lettre*. Mas tal empreendimento atravessará necessariamente o cerne da teoria do pecado original, como dirá Pascal, “sou obrigado a vos dizer em geral qual é a fonte de todos os vícios e de todos os pecados”. O horror da morte estaria ligado à queda, fonte de todos os vícios e de todos os pecados. (MARTINS, 2011, p. 73) Para Pascal, “o pecado original é loucura diante dos homens [...] Mas é loucura sábia do que toda a sabedoria dos homens, *sapientius est hominibus* [...] todo seu estado depende desse ponto imperceptível” (PASCAL 2005, p. 284. Laf. 695; Br. 455).

Depois do pecado, e, conseqüentemente a queda, o homem direcionou todo amor a si próprio, estabelecendo o que Pascal chama de amor-próprio. No fragmento “Laf. 978; Br.100” sobre a natureza desse amor, lê-se:

Não há dúvida que é um mal estar cheio de defeitos; mas é um mal ainda maior estar cheio deles e não querer reconhecê-los, pois, que é acrescentar-lhes ainda o de uma ilusão voluntária. Não queremos que os outros nos enganem; não achamos justo que queiram ser estimados por nós mais do que merecem: portanto, não é justo tampouco que os enganemos e queiramos que nos estimem mais do que merecemos [...] Assim a vida humana nada mais é que uma perpétua ilusão; não fazemos outra coisa senão nos enganarmos e adularmos mutuamente. O homem não passa, portanto, de um disfarce, mentira e hipocrisia, tanto em face de si próprio como na relação com os outros [...] (PASCAL, 2005, p. 423).

A partir daí, Pascal afirma que todos os homens passaram a se odiar naturalmente entre si, utilizando como podem a concupiscência para fazer servir ao bem. Para Gouhier (2005, p. 79) “o amor de Deus é exclusivo; o *eu* entregue à concupiscência se põe no lugar de Deus”, então, conclui-se que, o homem passa a ser governado pela concupiscência, uma vez que, “tudo o que há no mundo é concupiscência da carne ou concupiscência dos olhos ou orgulho da vida: *libido sentiendi, libido sciendi, libido dominandi*” (PASCAL, 2005, p. 246. Laf. 545; Br. 458) [...] Desde então, “a busca do verdadeiro bem, o comum dos homens põe o bem na fortuna e nos bens exteriores ou no divertimento. Os filósofos mostraram a vaidade de tudo isso e colocaram onde puderam” (Ibidem, p. 269. Laf. 626; Br. 462) [...] Então o homem toma consciência de que “não há nada sobre a terra que não mostre ou a miséria do homem, ou a misericórdia de Deus; ou a impotência do homem sem Deus ou o poder do homem com Deus”. (Ibidem, p. 193. Laf. 468; Br.562). Entretanto, quando o homem descobre que é um sujeito cheio de contradições e misérias, angustia-se, por isso, para fugir a angústia das suas múltiplas misérias, o homem passa a refugiar-se no divertimento. Assim, no fragmento “Laf. 414; Br.171”, intitulado, miséria, fica claro que:

A única coisa que nos consola das nossas misérias é a diversão. E, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. Porque ela nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele. Mas a diversão nos entretém e levamos insensivelmente à morte. (PASCAL, 2005, p. 157)

Para mostrar a fonte do amor-próprio e do pecado por excelência, Pascal não realiza nenhuma inovação, e afirma: “foi isto que apreendi de dois grandíssimos e santíssimos personagens”. Mas quem seriam estes dois personagens? Segundo Martins (2011, p. 74), Mesnard afirma que, talvez, estes dois personagens sejam evidentemente

Agostinho, na obra *La Cité de Dieu*, e Jansenius, na obra *Augustinus*, livro II, *De statu naturae lapsae*, capítulo 25. Sellier também restringe sua hipótese a Santo Agostinho e Jansenius, fazendo referência aos mesmos textos que Mesnard. Duas passagens importantes podem esclarecer esse fato:

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio até o desprezo de Deus, a terrena, e o amor a Deus até o desprezo de si próprio, a celestial. A primeira se glorifica em si mesma, e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens, e esta tem por máxima a glória de Deus, testemunha de sua consciência. (AGOSTINHO *apud* SOUSA, 2001, p. 72) De forma que tendo começado a perceber sua felicidade e a reconhecê-la, fascinou-se e encantou-se por sua beleza, começando a olhar-se com prazer, e, por este olhar, tornou-se objeto de seus próprios olhos e desviou sua visão de Deus, para direcioná-la totalmente para si. (JANSENIUS, 2016, p. 57).

Segundo Gouhier (2005), a ideia de pecado original é, aliás, a medida da consciência que o homem tomou da sua própria imperfeição, de seus limites, da sua pequenez, em meio aos infinitos. O pecado é a metáfora da distância que o separa do seu ideal, a viagem aos confins dos três infinitos. Num texto menos conhecido que os outros, o da *Conversão do pecador* (que Pascal escreveu durante a primeira estada em Port-Royal em janeiro de 1655), Pascal faz uma das mais modernas reflexões sobre a condição humana, ao defini-la justamente pela recusa a deixar-se encerrar em seus limites, pela vontade da consciência, que se pensa eterna, de agir de tal modo que, a existência e a situação o sejam também.

Tão grande foi à nódoa do pecado que somente a morte de um Deus, na pessoa de Jesus Cristo, pôde restaurar a possibilidade de salvação. Mas agora o homem tem um livre-arbítrio mais fraco que o de Adão. A força da concupiscência o obriga a seguir as paixões mais rasteiras, de modo que a graça habitual de Adão não mais basta para romper os obstáculos carnis. É assim que apenas uma graça eficaz, muito mais poderosa, pode reconduzir o homem para Deus, contudo ela o faz infalivelmente, de modo que o livre-arbítrio continua escravo. O coração, órgão que dá os princípios da razão, bem como da vontade, está corrompido pela cupidez. A graça reordena-o inserindo nele os princípios que fazem a vontade se movimentar para Deus. Observa-se que, o estudo de Pascal nos conduz a um ponto importante de sua filosofia, ou seja, o pecado original, ao que tudo leva a crer que seja uma herança do agostinismo e do jansenismo. “Após a queda de Adão, a concupiscência então se elevou seus membros e

estimulou e deleito sua vontade no mal”. (GOUHIER, 2005, p. 121). O pecado e a queda, para Pascal, talvez sejam a explicação para os paradoxos da condição humana, sejam filosóficos ou teológicos. Como não poderia deixar de ser, também esclarece a questão do livre-arbítrio.

É paradoxalmente, o pecado original, esse mistério incompreensível e injusto que dá a chave do homem: portanto, concebe-se que o homem ultrapassa infinitamente o homem e que é inconcebível a si mesmo sem o alívio da fé. Esse mistério proporciona um conhecimento negativo, porque faz ver a que liberdade do homem o fez miserável por orgulho; sua natureza foi corrompida pela sua própria falta. (PASCAL, 2006, p. 97).

A diferença dos dois estados, antes e depois da queda, mostra-nos a perfeição do livre-arbítrio adâmico, igualmente flexível ao bem e ao mal, onde a razão podia ver o melhor caminho e o homem tinha acesso ao infinito. Porém, a grandeza de Adão foi proporcional a sua queda, mancha tão poderosa que danificou toda a humanidade. Depois do pecado original, a humanidade tornou-se uma massa de condenados. O mal pôs em perigo o poder da liberdade em sua própria raiz. A condição suprema de possibilidade de realização do Soberano Bem, era a moralidade, a adoção da máxima moral como supremo fundamento de todas as outras máximas e ações. Essa condição não foi realizada pela liberdade, e, por conseguinte o Soberano Bem não podia chegar a realizar-se. Então, fica a grande questão: como o homem pode agora sair do mal e tornar-se um homem moral?

Retomando a questão sobre a retirada de Deus com convívio dos homens, pode-se afirmar que o fenômeno chamado de ocultação de Deus foi teorizado como uma base para a descrença na existência de Deus. De acordo com Peter Kreeft, quando Bertrand Russell, estava no seu leito de morte foi visitado por um amigo que lhe perguntou, “você tem sido o ateu mais famoso do mundo maior parte de sua vida, e agora você está prestes a morrer. E se você estiver errado? O que diria a Deus se o encontrasse? Você não acha prudente, pelo menos, levantar a questão agora, antes que seja tarde demais”? (KRREFT, 1993, p. 245). Russel respondeu: acho que devo dizer a Ele: “Senhor parece que a minha hipótese ateísta estava errada. Você se importaria de me responder algumas perguntas? Porque você não nos dá mais evidências”? [...] “Se você quisesse que todos seus filhos o conhecessem e acreditassem em você não daria mais evidências? Um milagre todos os dias às seis horas, por exemplo”? (Ibidem). Kreeft, nos mostra que Pascal tem uma resposta muito boa que transforma o objeto contra a fé em uma pista

para ela. Essencialmente, pode ser resumido da seguinte forma, “se Deus não se escondesse, não se revelaria verdadeiramente; somente pelo escondimento pode haver revelação de Deus ao homem em seu estado atual”. (Ibidem). Numa carta endereçada à senhorita de Roanez, Pascal insiste que quanto mais conhecemos Deus, mais misterioso ele nos parece; quando Ele se revela para nós de forma mais completa, é nesse momento que temos mais consciência de que Ele é um Deus escondido.

O *Deus absconditus* é a frase latina que descreve este fenômeno do Deus escondido¹². Esse fenômeno é uma experiência dolorosa para aqueles que afirmam a fé em Deus. É igualmente difícil para as pessoas que não afirmam qualquer fé: Onde está esse Deus oculto que os crentes querem que sigamos? Por que Deus não aparece? Por que há tão poucas pistas para Deus? E por que eles são tão obscuros? Por que Deus se esconde? Segundo Gerard Lebrun:

O Deus escondido é, pois, a lei que governa a história cristã, a partir do momento em que esta se desenrola nos limites da finitude: um Deus cuja presença ter-se-ia imposto com brilho não teria sido justamente discernível como o verdadeiro Deus; uma religião aceita por todos os homens não teria sido justamente cognoscível como religião verdadeira. (LEBRUN, 1973, P. 100).

Para alguns teólogos, o Deus escondido é aquele que está mais perto do homem; nesse escondimento, de fato, se oculta à condição de dever procurar cada vez mais, uma vez que, às vezes Ele se mostra, para estimular a sua procura, e depois se esconde de novo, para que o homem volte para Ele ainda mais e o procure com todo o coração. O *cor inquietum*¹³ (coração inquieto) das *Confissões* de Agostinho encontra apoio nas páginas dos *Pensamentos* de Pascal:

Essa religião que consiste em acreditar que o homem decaiu de um estado de glória e de comunicação com Deus para um estado de tristeza, de penitência e de afastamento de Deus, mas que, após esta vida, seremos reabilitados por um Messias que devia vir, sempre esteve sobre a terra. Todas as coisas passaram, mas permaneceu essa, pela qual todas as coisas são. (PASCAL, 2005, p. 116. Laf. 281; Br. 613).

¹² A expressão Latina *Deus absconditus* (Deus que se esconde), provém da tradição de Jerônimo dada a tal versículo. Para ver uma introdução popular ao assunto ver o livro de Thomas Morris *Making sense of it all: Pascal and the meaning of life* (Percebendo tudo: Pascal e o sentido da vida). Um estudo detalhando do Antigo Testamento pode ser encontrado no livro de Samuel Ballantine *The Hiddenness of god: the hiding of the face in Old Testament* (O segredo de Deus: a face oculta de Deus no Antigo Testamento) (ISSLER, 2005, p. 249).

¹³ De acordo com Barreiro (2005, p. 14), Santo Agostinho, o homem do ‘coração inquieto’, continua sendo o modelo para a busca de Deus em nossos dias. Depois de ter experimentado a inquietude, o vazio e a infelicidade da ausência de Deus, Agostinho experimentou a felicidade e a paz que nos são dadas quando fazemos a experiência do encontro com Ele. No fim do primeiro parágrafo das *Confissões*, expressou sua experiência com uma frase [...] “Fizeste-nos Senhor, para ti, e o nosso coração estará sempre inquieto até descansar em ti”.

Blaise Pascal, um dos maiores apologistas cristãos, descreveu sua própria experiência com *Deus absconditus* como um mistério lamentável:

Isto é o que eu vejo e o que me incomoda. Eu olho por todos os lados, e só vejo escuridão por toda parte. A natureza não me apresenta nada que não seja uma questão de dúvida e preocupação. Se eu não visse nada que revelasse divindade, chegaria a uma conclusão negativa, se eu visse em todos os lugares os sinais de um Criador, eu permaneceria pacificamente na fé. Mas, vendo muito a negar e muito pouco para ter certeza, estou em um estado a ser lamentado¹⁴.

Da mesma forma, Pascal escreveu no fragmento, “Laf. 242; Br. 585”:

Que Deus quis esconder-se. Se só houvesse uma religião, Deus nela estaria bem manifesto. Se só houvesse mártires em nossa religião, seria o mesmo. Sendo Deus assim escondido, toda a religião que não diz que Deus é escondido não é verdadeira, e toda a religião que não indica a razão disso não é instrutiva, a nossa faz tudo isso. *Vere tu es deus absconditus*. (PASCAL, 2005, p. 97)

Segundo Lebrun (1983, p. 92), “o que está escondido em Deus em primeiro lugar é a combinação de sua justiça e de sua misericórdia, como o expõe Pascal nos rascunhos dos *Escritos sobre a graça* (escritos entre 1656 e 1658)”. A maior parte dos homens tem um passado sem Deus. Vivem sem compreender a necessidade de gerar um relacionamento com aquele que os criou. A excelência do Cristianismo, considerado por Pascal como sendo a verdadeira religião, não consiste de forma alguma em mostrar Deus, mas nos fazer reconhecê-Lo onde ele está escondido, pois Deus sempre se escondeu, ou seja, Ele fica infinitamente desconhecido. Ele se impõe, mas como um abismo do mistério onde sempre pode surgir o desconhecido. Lebrun afirma que Deus encontra-se “escondido antes da encarnação, escondido nas Escrituras, escondido ainda em Jesus esbofetado e suplicando e escondido supremamente na Eucaristia [...]. Em suma, Deus propriamente falando não aparece”. (LEBRUN, 1983. p. 92). Depreende-se dessa citação que, existem várias formas pelos quais Deus se esconde. Existem também, vários propósitos e não um simples motivo, pelos quais, Ele aparentemente permite o mal. A natureza, os sacramentos, a Igreja e as Escrituras estão repletos de véus que toldam a visão do homem, e, por isso, velam a presença de Deus. Portanto, Deus escondeu-se antes da encarnação, pois, sua criação deixou ser persuadido por Satanás, que ele era Deus, e, como Deus, poderia conhecer o bem e o mal usando seu livre-

¹⁴ PASCAL Blaise, *Pensées*, como citado em Kelly James Clark, quando a fé não é suficiente (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), 38 *apud* MANNING, Margaret. Postando em dezembro de 2013. Disponível em: <<http://rzm.org/a-slice-of-infinity/deus-absconditus/>>. Acesso em 29, marc. 2017.

arbítrio, sem levar em conta a vontade do Criador. O mistério de Deus continua escondido, pelos véus que impossibilitam o homem o acesso a Deus, ainda que nos tenha sido revelado em Cristo. Deus revelou-se a nós, pelo Filho de maneira inesperada e escandalosa, pois, tornou-se igual aos homens em tudo. Mesmo assim, afirma em (Mt 11, 25), “Eu te louvo ó Pai, senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutos e as revelastes aos pequeninos”. (BIBLIA, 1973, 1859).

Apesar de Deus nunca aparecer aos homens e de todas as coisas serem véus que encobrem Deus, Isaías (40: 5) profetizou “Então a glória de Iahweh há de revelar-se e toda a carne de uma só vez, o verá, pois, a boca de Iahweh o afirmou” (BÍBLIA, 1973, p. 1422). Desta forma, a glória de Deus se manifestará visivelmente de forma pessoal através da segunda vinda de Jesus Cristo, uma vez que, segundo Girard [...] “Cristo tem um conhecimento do homem que é mais humano. Nesse sentido, nenhuma filosofia, nenhum pensamento laico, nenhuma outra religião percebeu no homem essa violência que ele percebe, e que ele próprio aceita sofrer para revelá-la aos homens, para revelar o que eles são” [...] (GIRARD, 2011, p. 82). Por Deus ter sempre se escondido dos homens, teólogos sentiram a necessidade de provar sua existência através de raciocínios, às vezes, difíceis de serem seguidos. Porém, Pascal, pretende “chegar a Deus não com provas ontológicas, cosmológicas ou metafísicas, mas a partir do funcionamento do ser humano, e a partir da dualidade entre a sua miséria e a sua grandeza”. (GIRARD, 2011, p. 78).

O Deus de Pascal é o “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó, não dos filósofos e dos doutos”, ou seja, o Deus cristão, o Deus de Jesus Cristo. Não se preocupa com as provas de Deus, mas com as provas de Jesus Cristo, entre outras razões, porque as provas racionais são insuficientes. De nada serve conhecer Deus sem amá-lo. O único caminho, segundo Pascal, que nos leva a Deus é através de Jesus Cristo. Nos fragmentos “Laf. 446; Bru. 586” e “Laf. 235; Bru. 771”, Pascal afirma que:

Se não houvesse obscuridade, o homem não sentiria a sua corrupção; se não houvesse luz, o homem não esperaria remédio. Assim, não apenas é justo, mas também útil para nós, que Deus esteja parcialmente escondido, e parcialmente manifesto, pois que é igualmente perigoso para o homem conhecer a Deus sem conhecer a própria miséria, e conhecer a própria miséria sem conhecer a Deus. (PASCAL, 2005, p. 179). Jesus veio para cegar aqueles que veem claramente e dar vista aos cegos, curar os doentes e deixar morrer os sãos, chamar à penitência e justificar os pecadores, e deixar os justos em seus

pecados, cumular os indigentes e deixar os ricos vazios. (PASCAL, 2005, p. 95).

Acreditamos que Pascal, no final das contas acreditava que as verdades da verdadeira religião (o Cristianismo), eram tão sentidas quanto conhecidas, e como ele insiste, só conhecemos Deus por meio de Jesus Cristo. Seus argumentos presentes nos fragmentos dos *Pensées* oferecem razões para acreditarmos na verdade bíblica, ter confiança em Deus e desconfiar totalmente do homem atravessado pela corrupção. Para os que insistem em combater a mensagem do cristianismo, Pascal alerta-os que:

[...] Informem-se pelo menos sobre o que é a religião que combatem antes de combatê-la. Se essa religião alardeasse ter uma visão clara sobre Deus, e possuí-lo a descoberto e sem véu, seria combatê-la dizer que não se vê nada no mundo que o mostre com essa evidência. Mas, visto que ela diz, ao contrário que os homens estão nas trevas e no afastamento de Deus, que este está escondido ao seu conhecimento, que é até esse o nome que ele dá nas escrituras, *Deus absconditus* [...] (PASCAL, 2005, p. 165. Laf. 427; Br. 194).

A conclusão que podemos é que o homem está condenado a viver uma vida solitária sem a presença de Deus. Ele continua a procura da verdade, mas sem a fé jamais poderá ser alcançada, apesar da sua cegueira o homem continua correndo atrás dela, porém, ela escapa continuamente. No final o homem toma consciência que sua procura é inútil, pois, não consegue alcançar aquilo que tanto procura. Não obstante tantas decepções, e apesar da morte que o persegue continuamente o homem quer a todo custo ser feliz. Para Pascal, essa procura deve levar o homem à aceitação da incompressibilidade da existência fundada em si mesmo e no desestabilizar todo projeto de cada qual fundar-se a si mesmo. A partir daí, o homem deve aprender a viver com as suas contrariedades, suas misérias e suas grandezas, sua impossibilidade de uma existência apartada de Deus, se quiser pelo menos uma felicidade ainda que parcial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As desgraças e o continuo aumento do mal, da dor e do sofrimento tem levado os homens a questionar sobre a existência de Deus como sendo onibenevolente. O problema do mal é um argumento poderoso contra a existência de Deus, desenvolvido por Epicuro de Samos (filósofo grego, 341 a.C. - 270 a.C.), que afirma que se o mal, a dor e o sofrimento existem no mundo entre os seres humanos, só pode significar que Deus não existe realmente. Pois, se existisse, eliminaria o mal entre os humanos.

Para os que admitem a existência de um Deus todo poderoso, onisciente, onibenevolente e onipresente, a maior dúvida em meu entendimento seria sobre a origem do mal, que pode ser traduzida através da seguinte questão: o mal seria uma invenção de Deus para punir continuamente os homens pela desobediência ou é uma condição existencial inerente à condição humana? Afinal, o mal está em Deus ou no homem? Para quem pensa que Deus pune deliberadamente o homem, está equivocado, pois, a Bíblia nos mostra que, Deus é amor (1 Jo, 4.8), faz justiça e é misericordioso (Sl 103. 6,8), um Deus que perdoa e salva. A chegada do mal nos homens dá-se pela desobediência de Adão que após comer do fruto proibido, transmitiu-o à sua posteridade.

Desde então a natureza humana pecaminosa, egoísta soberba, egocêntrica, vê maldade em tudo o que nos rodeia. Então, acostumados a tirar vantagens, mesmo que prejudicando os outros, não seria o homem o responsável pelo mal no mundo? Se considerarmos que sim, então a maior guerra que o homem deve dirigir, é contra ele próprio e, muitas vezes ele é vencido. O homem é frequentemente responsável pelo mal em que o mundo está mergulhado. Inconsistência, imprudência, maldade, fraqueza, ignorância, enfim, razões mais do que suficientes para explicar a guerra, a fome, a miséria de milhões de seres humanos no mundo. Entretanto, para o crente o mais incompreensível das situações, é que Deus diante de tantas catástrofes é, e continua indiferente, e, do alto da sua majestade observa sem interferir nos desígnios humanos. Parece que Deus está bem longe, não responde quando é chamado e, se esconde continuamente. Por quê? Esse Deus justiceiro que os homens tanto clamam, seria uma invenção dos homens? Uma criação da sua angustia, da sua culpa, da sua sede de imortalidade ou simplesmente, o desejo de encontrar a paz, o amor e o perdão? É óbvio que, muitas vezes o homem não entenda o significado da cruz que ele precisa e deve carregar, porque, mesmo com toda a revelação, Deus se esconde e temos que confessar como o profeta “verdadeiramente tu és o Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador”. As Escrituras dizem que Deus é invisível, e que ninguém pode ver sua face, sob pena de morte. Apenas Moisés conseguiu vê-Lo pelas costas.

Blaise Pascal coloca ênfase que, a origem do mal no mundo tem que ver com o pecado original cometido por Adão. Com a rebelião contra Deus, sua perfeição se tornou imperfeição e em sua natureza caída, acarreta muitos sofrimentos e males dos

quais não pode libertar sonzinho. Foi devido o pecado original que o homem ficou reduzido a um ser ínfimo, um nada diante do seu Criador. Pascal acredita que o amor-próprio é o maior dos pecados que assola e propaga o mal em toda a humanidade. Pois, é graças ao amor de si, que o homem esquece muitas vezes o primeiro dos dez mandamentos, ou seja, “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Isso também aconteceu com Adão ao inverter a ordem do amor incondicional que devia ao seu Criador e quis tornar-se senhor e centro do seu próprio amor, e, por isso, estabeleceu uma nova hierarquia ao querer igualar-se a Deus. O amor que o homem devia a Deus era vertical, mas, ao fazer de si, o centro, horizontalizou esse amor instintivo e egocêntrico.

Por isso, Pascal insiste que a primeira coisa que o homem deve fazer é conhecer a si mesmo, ou seja, suas grandezas e suas infinitas misérias. Não é de se estranhar que o argumento antropológico de Pascal começa com a seguinte observação: os seres humanos exibem qualidades ou traços de grandeza e de infinitas misérias. Constatase que, atualmente esse argumento é bastante atraente, porque começa com uma observação da natureza humana, em vez de um argumento à existência de Deus, a confiabilidade na Bíblia, a validade da crença na ressurreição de Cristo. Por outro lado, Pascal nos alerta que é perigoso demonstrar ao homem sua miséria sem lhe mostrar a sua grandeza. E é também perigoso mostrar-lhe demais a sua grandeza sem a sua miséria. É mais perigoso ainda deixá-lo ignorar uma e outra coisa, mas é vantajosíssimo apresentar-lhe uma e outra. Ele percebeu que a grande causa da miséria humana está no fato de ninguém mais conseguir suportar-se a si mesmo em seu próprio quarto. As misérias humanas impedem o homem de conviver consigo mesmo, portanto, é preciso alienar-se dessa situação angustiante mediante o refúgio no *divertissement* (divertimento) que não passa de estratégias de fuga de si mesmo e das suas misérias existenciais.

Pensadores como santo Agostinho, Jansenius e Blaise Pascal, defendem que a doutrina do pecado original tem um papel fundamental na introdução do mal no mundo e na ocultação de Deus. Pois, Deus, deu ao homem o livre-arbítrio, e dessa forma, ele colocou nas mãos do homem a capacidade de escolher entre, fazer e praticar o bem, ou então, escolher e praticar o mal. Ao que tudo indica, o homem fez mau uso do seu livre-arbítrio, tendo escolhido contra a vontade de Deus, por isso, insatisfeito com a sua criação, Deus retirou-se, ou seja, escondeu sua face dos homens, mas deixou resquícios

em seu coração que não cessam de O procurar, mas sem sucesso. Essa é a maior lição que o homem teve pela sua desobediência.

Atualmente, o homem continua mais solitário do que nunca, pois, Pascal em sua infinita sabedoria criou a expressão “buraco em forma de Deus” para descrever esse vazio vivido pelo homem, que ao longo de sua vida tenta preenchê-lo com todo tipo de coisa: sexo, comida, sucesso, diversão, viagens, riqueza, mas nada disso resulta, uma vez que, o mal está instaurado no coração e na mente do homem. Talvez a solução viável para o homem atual para livrar-se do mal, seria encher esse buraco em forma de Deus, com Deus, uma vez que, Ele é insubstituível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. - 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Beneditti. - 5ª edição. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.1210p.

AGOSTINHO, Santo *Confissões; De magistro*. - 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 412p. (Coleção Os Pensadores).

_____. *A Natureza do Bem*. - Rio de Janeiro: Sétimo selo, 2006.

BARREIRO, Álvaro. *Buscar a Deus e encontrar-se com Deus*. 2ª edição. – Edições Loyola: São Paulo, SP, 2005. 115p.

BERGOGLIO, Jorge Mario; SKORKA, Abraham; FIGUEROA, Marcelo. *Razão e fé*.- 1ª edição. Tradução Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo: Saraiva, 2013.47p.

BIIBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução das introduções e notas de La Saint Bible, publicada sob a direção da “Ecole Biblique de Jerusalém”, 1973. 2366p.

BRAATEN, E. Carl; JENSON, W. Robert. *Dogmática crista*. Editoração de Carl E. Braaten e Robert W. Jenson. Tradução de Luis M. Sander e Gerrit Delfstra, Luís H, Dreher e Geraldo Korndorfer. 2ª edição. - São Leopoldo: Sinodal, 2002. 624p.

BRENDAN, Sweetman. *Religião: conceitos chave em filosofia*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. – São Paulo: Penso, Editora Ltda., 2013. 181p.

CARVALHO, Laércio. *Nas asas do pensamento: Deus além dos limites da evolução*. - Clube de Autores: Joinville/SC, 2016. 82p.

CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*.- 1ª edição. Tradução Heber Carlos de Campos. - São Paulo, Hagnos 2003.2576p. (Volumes um e dois).

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *O problema do mal na polêmica antimaniqueia de Santo Agostinho*. – Porto Alegre: EDIPUCRS/UNICAMP, 2002. 392p. (Coleção filosofia 139).

EVANS, G.R. *Agostinho sobre o mal*. Tradução de João Rezende Costa. – São Paulo: Paulus, 1995. 270p.

FISICHELTA, Rino. *Introdução à teologia fundamental*. Tradução de João Paixão Netto. 2ª edição. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2006.159p.

GIRARD, René. *Deus: uma invenção?* René Girard, André Gounelle, Alain Houziaux; Tradução Margarida Maria Garcia Lamelo. – São Paulo: É Realizações, 2011.141p.

GOUHIER, Henri Gaston. *Blaise Pascal: Conversão e apologética*. – 1ª edição. Tradução de Éricka Marie Itokusa e, Homero Santiago. – São Paulo: Discurso Editorial, 2005.347p.

HENRIQUE, Paulo. *Cura interior: O que a Igreja ensina sobre isso?* Editora Cia do eBook: Timburi/SP, 2016. 73p.

HOEKEMA, Anthony. *Criados à imagem de Deus*. - São Paulo – SP: Cultura Cristã, 1999. 288p.

ISSLER, Klauss. *Desperdiçando tempo com Deus*. Tradução de João Guimarães. - São Paulo, Naós, 2005. 272p.

JANSENIUS, Cornelius. *Discurso da reforma do homem interior*. Comentário e tradução de Andrei V. Martins; prefácio de Ricardo Reali Taurisano.- S. Paulo: Filocalia, 2016. 128p.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica-demonstrativo direcionado ao problema dogmático do pecado hereditário*. 2ª edição. Tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls. - Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, AP: Editora Universitária São Francisco, 2010.179p – (Coleção pensamento humano).

KREEFT, Peter. *Cristianity for modern pagans: Pascal's Pensées*. Edited, Outlined and explained. - San Francisco: Ignatous press, 1993. 341p.

LEBRUN, Gerard. Blaise Pascal. *Voltas, Desvios e Reviravoltas*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. - São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.132p.

MANNING, Margaret. *Deus absconditus*. Postado em março de 2013. Disponível em: <<http://rzim.org/a-slice-of-infinity/deus-absconditus/>>. Acesso em 29/03/2017.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein*. 7ª edição. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARTINS, Andrei Venturini. *Amor próprio e vazio interior: Uma análise do homem sem deus em Pascal*. 2011. 272 pág. Tese de doutorado apresentado ao departamento de filosofia da PUC-SP, São Paulo, 2011.

MATERA, Frank J. *Estratégias para pregação de Paulo*. - Edições Loyola. - São Paulo, Brasil, 2005. 175p.

PASCAL, Blaise. *Do Espírito Geométrico: Pensamentos*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006. 114p. – (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 61).

_____. *Pensamentos*. - 2ª edição. Apresentação de notas Louis Lafuma; Tradução Mário Laranjeira, Revisão técnica Franklin Leopoldo e Silva, revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução da edição brasileira Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 441p. – (Paidéia).

PEDRO, Severino. *A doutrina do pecado*. 1ª edição. – CPAD Editora, Rio de Janeiro, RJ, 2014.336p.

PONDÉ, Luiz Felipe. *O Homem Insuficiente: Comentários de Antropologia Pascaliana*. -1ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. 269p. – (Ensaio de Cultura, 19).

RICOUER, Paul. *O conflito das Interpretações: Ensaio de Hermenêutica*. Tradução de M. F. Sá Correia. RÉS-Editora Lda. Pr. Marques de Pombal – Porto, Portugal, 1988. 487p.

ROCHA, Arlindo Nascimento. *Paradoxos da condição humana: grandeza e miséria humana como paradoxo fundamental na filosofia de Blaise Pascal*. 2016. 330 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RODRIGUES, Odirley da Silva. *O pecado original: E os pressupostos da teologia reformada*. Belém: 2010. 63p. TCC apresentado na faculdade teológica batista equatorial: curso de bacharelado em teologia, Belém do Pará, 2010.

ROHDEN, Humberto. *Pascal: o homem que apelou da razão para o coração e de Roma para Deus*. - 3ª edição. Alvorada Editora e Livraria Ltda., 1981. 82p.

SANTOS, Thomas Troco dos. *Fundamentos da teologia do Antigo Testamento*. 1ª edição. – São Paulo: Mundo Cristão, 2014. 192p.

SOUSA, José Zacarias de. *Agostinho: buscador inquieto da verdade*. – Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001. 113p. (Coleção Filosofia, 124).